

**1. Do livro de estreia *Consulado do Vazio*
*África mãe Zungueira***

Esta que se aproxima
carrega uma criança às costas
e outra no ventre
uma nuvem húmida rasga-lhe a blusa
lembrando que é hora de parar e amamentar
e lá vai ela seguindo o itinerário que a barriga traçar
gestora de um ovário condenado a não parar
porque é património social
penhora o útero na luta contra a taxa de mortalidade

Conhece bem demais a cidade
não tanto pelos monumentos
mas pela necessidade
viandante como a borboleta
fez-se fiel e histérica amante
da lei da compra e venda de porta à porta
uma lei entretanto não prevista por lei
“depende só do marido? Nunca”
mal acordou a urbe já peleja aliciando clientes
no estômago só o funji do jantar de ontem
sem tempo sequer para escovar os dentes

Lá vai mais uma dobrando a esquina
de pregão firme como a voz do tambor
humilhada aos poucos pelo sol
nos mapas de salitre da poeira que adormeceu no suor

Forte por fora muitas vezes vulnerável no íntimo
veja esta nos olhos encarnados grita despercebida
uma mulher mal amada

nunca descoberta
rainha de etapas queimadas
ele que devia ser companheiro
é de se esconder no copo
quando os ventos são ásperos
autêntico chá em taças de champanhe
não estar disposta para mais um suor sagrado
é para ele frontal apelo à violência
habituada a levar da cara
odeia a sinceridade do espelho

Por aqui passou mais uma profissional da zunga
protagonista anónima com mil mestrados da vida
contudo não contada na segurança social
para o turista uma espécie de paisagem
rosto de uma noite que lançou a mulher
às avenidas dialécticas dos centros urbanos
no seu dever de sustentar a sociedade
a mesma que a condenará antes de amanhecer
por não participar da vida política
ou por não saber ler
nem escrever

**2. Da primeira experiência internacional através da III
Antologia de Poetas Lusófonos, Folheto Edições e De-
sign, Lciria - Portugal, 2010**

Na teoria do resultado

O reencontro
mesmo com a prisão

molha
na largura dos olhos
o barro p'ro novo sol

Não tem pernas o tempo

seriam longas
ou curtas
demais
...
Gociante Patissa
(pág. 137)

Monte-Belo

Chuva
na cor do vento
Verde
nas intenções do tempo
Dança
nos provérbios do luar
Ambivalências
de um eterno menino daqui

3. Do poemário Guardanapo de Papel , no prelo

Sem vida no pé

... e as sentenças correram seu caminho

ao asfalto cedeu
esse campo não é o seu
sem vida no pé
conserva olhos de lição
milho, chuva e café

Todos os dias, todo o dia
passos escassos
quase nulos
clemente
vai com as formigas dançar
pelos caminhos da obra
eis o brotar de fecundas veredas
que importa se sem vida no pé?

Guardanapo de papel

Já cansado
o velho bar
fecha-se ao pó
fértil
da esquina
qual navio atracado
para nova largada.

Do mar de verão
vem pujante a brisa
traçando cordão
na esquina
monumental
do cine.

Estátua e gente
parece tudo de madeira
pela porta entreaberta
vê-se que algo voa
bem rente
mas ninguém vai dizer
se é saia
ou guardanapo de papel.

GOCIANTE PATISSA (ANGOLA). Tem licenciatura em Linguística, especialidade de Inglês, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Katavala Bwila (ex-Agostinho Neto). É membro efectivo da União dos Escritores Angolanos. Publicou os seguintes livros: *Consulado do Vazio* (poesia), KAT - Consultoria e empreendimentos, Benguela, Angola, 2008, *A Última Ouvinte* (contos), União dos Escritores Angolanos, Luanda, Angola, 2010 e *Guardanapo de Papel* (inédito, poesia com edição em curso pela NósSomos, Lisboa, Portugal)